

Ensino e educação

ROQUE SPENCER
MACIEL DE BARROS

Os grandes pensadores que, desde a Renascença, dedicaram parte de suas meditações ao problema pedagógico, defenderam, com raríssimas exceções e independentemente da diversidade de suas convicções, a ideia de que o essencial, no processo do ensino, não é tanto instruir o educando - atividade que poderá, por si mesmo, dedicar-se durante toda a vida, reservando-lhe parte de seu tempo - mas formá-lo. Tratando-se de pensadores liberais, esse ideal de formação terá, naturalmente, um sentido; tratando-se de partidários de uma pedagogia autoritária, ligada a uma concepção igualmente autoritária das relações humanas, o sentido será completamente diverso.

Quando um Montaigne, por exemplo, acentua que o importante é que o aluno tenha não cabeça cheia, mas bem formada, entende ele essa formação como um processo, antes de tudo, de realização pessoal: trata-se de dar ao aluno condições para que ele seja capaz de pensar "com a própria cabeça" e decidir por si mesmo. A verdadeira marca do homem livre, educado para a liberdade, é precisamente a sua capacidade de formar a própria opinião, o próprio juízo, independentemente das modas, preconceitos ou prejuízos encontrados no meio em que ele vive. Uma autêntica "educação liberal" — humanística, artística e científica — e, nesse sentido, o produto de um equilibrado esforço de instrução visando de conhecimentos e informações que podem ser (em diferentes níveis, conforme o talento e as aptidões de cada um) ativamente articulados pelo próprio estudante que os recebe e usados por ele, criticamente, na definição dos rumos de sua vida, nas escolhas que faz, na ampliação dos horizontes de sua liberdade.

Completamente diversa é a ideia de "formação" em função de algo que é completamente exterior ao próprio educando: trata-se, nesse caso, não de formá-lo para que ele seja senhor de si mesmo, mas para que sirva a um senhor, a um partido, a um regime, a uma Igreja. Nessa formação do educando para algo estranho a si mesmo — o que é sempre, até certo ponto, inevitável em virtude da própria condição social do homem —, naturalmente haverá graduações e o ponto extremo a que se pode chegar é o representado pela educação totalitária. Com absoluta sinceridade e franqueza — e profunda convicção de que essa era a verdadeira missão da educação — acreditamos que ninguém exprimiu tão bem essa ideia quanto o Fichte dos Discursos à Nação Alemã, que muitos autores vêem, apesar de toda a elevação de sua filosofia, como um dos precursores do nacional-socialismo alemão. No segundo discurso, Fichte, lapidarmente, expõe a sua ideia fundamental, sob o ângulo que examinamos, criticando a educação vigente no seu tempo: "O primeiro erro da atual educação radica, ao lado da manifestação de sua impotência e futilidade, precisamente em reconhecer e contar com o livre arbítrio do educando. Porque, confessando que, malgrado todos os seus esforços, a vontade do aluno permanece livre, isto é, indecisa entre o bem e o mal, ela confessa que é incapaz (ou que não quer ou não deseja, além de considerar tal coisa inteiramente impossível, de maneira geral) de formar a vontade e, já que a vontade constitui a raiz fundamental da

natureza humana, de formar o homem. Ora, a educação nova deverá, ao contrário, desde a base que ela pretende cultivar, aplicar-se em aniquilar totalmente a livre vontade e a educar a vontade no sentido da rigorosa submissão à necessidade e da incapacidade de aceitar o contrário. É somente com uma vontade assim educada que se poderá contar e na qual se poderá confiar". Obviamente, aqui, é o filósofo Fichte quem define o que é o bem e o que é o mal; em qualquer sistema concreto de educação totalitária, que irá defini-los não serão Fichte, Platão ou qualquer outro filósofo seduzido pela miragem da verdade absoluta, mas quem detiver o poder. Mas, deixando de lado esta questão, como realizar o sonho dessa "nova educação"? Fichte dá a receita, que é a mesma que dera Platão ou outros construtores de utopias: o primeiro ato para concretizá-la será o de separar as crianças de suas famílias e do mundo real em que nasceram, do seu mundo circundante: "As crianças devem viver apenas com seus mestres e superiores e totalmente separadas dos adultos", recomenda o décimo discurso. A escola, nessas condições, não tem apenas a missão de educar por intermédio de um ensino aberto, crítico, mas de moldar completamente a personalidade, de construir o homem como se queresse que ele fosse e na impossibilidade de fazê-lo programadamente por ocasião de seu nascimento (como hoje, em face da engenharia genética, já se poderia ao menos sonhar).

Essas considerações, aparentemente acadêmicas e que, à primeira vista, podem até parecer "estratosféricas", devem, entretanto, estar bem presentes quando se pensa na reforma da escola e da educação nacionais, nos projetos grandiosos e mais ou menos mirabolantes que, aqui e ali, vêem na escola não a instituição adequada para o ensino, mas se filiam à visão de uma "educação integral" (e de uma absorvente "escola integral") capaz, no fundo, de criar uma espécie de "homem novo", quem sabe uma espécie de "mutante sociológico" (a expressão é de Alexander Zinoviev) como o "homo sovieticus".

Às vezes sem mesmo pensá-lo, os entusiastas de uma escola que acaba por substituir a família (mesmo quando esta existe e é bem organizada), que absorve funções mais diversas, normalmente entregues a outros órgãos adequados para executá-las, que se apossa, enfim, das crianças que nela deveriam apenas estudar, é um caminho aberto para a realização de um ideal como o fichteano. A instituição estará pronta para servir a um fim totalitário, desde que a ideia deste nela se insinue.

Os "brizolões" (apesar de até aqui os assim chamados Cieps terem uma função antes de tudo demagógico-propagandística), planos como o Profic (que, provavelmente, será esquecido junto com o atual governo), com ou sem intenção, com ou sem consciência — e até, no último caso, acreditamos que contra as ideias de seus propugnadores — estão nesse perigoso caminho, que pode levar, com a infiltração, nas instituições ou nos planos, de ideias totalitárias, infelizmente muito vivas entre nós, à liquidação de cabeças bem formadas e vontades livres, substituídas por vontades submissas e cabeças programadas.

Vale a pena meditar sobre o assunto.